

'Mandaram sugestões para um governo meio fascista'

— Nomeado no STF após edição do AI-2 afirma que Vargas 'era mais corruptor do que opressor'



ILUSTRAÇÃO BAPTISTÃO

DEPOIMENTO

Aliomar Baleeiro foi nomeado por Castelo Branco no Supremo Tribunal Federal; ocupou a presidência da Corte de 1971 a 1973

MARCELO GODOY

Presidente do Supremo Tribunal Federal (STF) entre 1971 e 1973, Aliomar Baleeiro era um dos expoentes da banda de música da UDN, o grupo mais combativo do partido e pedra no sapato dos governos de Getúlio Vargas a João Goulart. Ele testemunhou o nascimento do regime militar e seu rumo ao arbítrio do Ato Institucional 2 e 5. Em seu depoimento, ele contou que o medo do então presidente Humberto Castelo Branco era ser derrubado, inaugurando uma espiral de golpes.

O medo estava por trás, portanto, da edição do AI-2, o documento do regime que cancelou as eleições e criou mais cinco vagas para ministros do STF, uma das quais ocupada por Baleeiro. Baleeiro rememorou os tempos de deputado — ele propôs, em 1953, a “CPI da Última Hora” — referência ao jornal dirigido pelo jornalista Samuel Wainer —, após se reunir com o jornalista Carlos Lacerda. A seguir, trechos inéditos do depoimento.

ARMAS PARA 1964. “O certo é que o que entrou de metralhadora no Brasil antes da revolução de 64 é impressionante. O número de metralhadoras que os fazendeiros adquiriram foi grande. Isso eu vi numa viagem a Goiás. Até ficou conhecido num momento um deputado que arran-

java metralhadora pelo preço de custo. (...) Foi uma distribuição de metralhadoras compradas... Deve haver muitas por aí.”

‘MAIS CORRUPTOR’. “A banda de música aumentava e diminuía conforme o assunto, conforme a indignação causada por um fato. (...) Isso porque Vargas, como lhe disse, era mais corruptor do que mesmo opressor. Então, ele tentou montar o Estado Novo, peça por peça. Ele foi buscar o Lourival Fontes, o botou como chefe da Casa Civil, e mandou fazer uma máquina. E, ao invés de criar um DIP, que ele não podia criar, o Congresso não deixaria, ele pensou em fazer um ‘DIP da imprensa’.”

“Daria ao Samuel Wainer um jornal quase de graça, com créditos imensos do Banco do Brasil. E obrigou alguns milionários que tinham interesses, um Matarazzo, por exemplo. No fim, ele tirou o leite dessa gente toda. 10 mil de um, 5 mil de outro. Deu o mínimo de capital com que o Wainer começou a comprar o equipamento. Então, o Wainer e o irmão, que tinha uns títulos protestados de 200 e 100 mil réis, que nunca foram recuperados nem reabilitados, começaram a levantar quantias monstruosas. Então apareceu o *Última Hora* fazendo aqueles espalhafatos. Mas tinha aqueles anúncios da altura de um edifício, em duas cores. E o pior é que faziam uns anúncios muito baratos. Então, não havia imprensa que aguentasse.”

“E o Carlos Lacerda, que já estava com uma fúria — e ele seria um grande advogado —, conseguiu uma farta documentação sobre o Wainer, a quem ele conhecia bem porque, nos tempos em que o Wainer andava de sapatos furados, eles eram amigos, etc., e naturalmente o Wainer lhe fez muitas confidências. Então, o Carlos sabia de toda pa-

Quem é

ALIOMAR BALEEIRO
Ex-presidente do STF

Após a edição do Ato Institucional n.º 2, de 27 de outubro de 1965, foi nomeado para o Supremo Tribunal Federal (STF) — o AI-2 criou mais cinco vagas para ministros da Corte.

Foi um dos expoentes da chamada banda de música da União Democrática Nacional (UDN), grupo mais combativo do partido. Jornalista, advogado, professor e político, morreu em março de 1978.

pelada do Wainer. Tudo isso o Carlos sabia. O mais importante é que o Carlos sabia que o Wainer não tinha nascido no Brasil, que chegou aqui pequeno, ele sabia mais ou menos a época que a família do Wainer veio, e sabia que tinha títulos protestados do Brasil. Vocês sabem que no meio jornalístico, sobretudo nos mais jovens e boêmios, essa questão de títulos protestados, eles pouco dão importância, levam tudo no deboche. Então, o Carlos sabia de tudo isso, e tirou certidão de tudo, e me trouxe às 8 horas. Falou sem parar, três ou quatro horas. Eu não podia ler os documentos, mas diante dele falar tanto acabei tendo tudo na cabeça. Tive de lhe dizer: ‘Carlos, se você quer que eu vá para a tribuna hoje, você vai me permitir que eu tome banho e faça a barba, porque eu não posso ir de pijamas para lá’. Ai ele parou.”

“A responsabilidade do Getúlio naquela história foi tremenda, as coisas foram se processando até aquele desfecho final. O Benjamin Vargas (*irmão de Getúlio*) era um delinquente e provavelmente foi quem armou a história do Gre-

gório (Fortunato).”

MAGISTRATURA E POLÍTICA.

“Os oficiais queriam prender e enroscar o Hermes Lima, o Evandro Lins e Silva e o Vitor Nunes Leal (*ministros do STF aposentados com base no AI-5*), que tinham servido com o Jango e com Juscelino, e queriam fazer o mesmo com o (*ministro*) Gonçalves de Oliveira, que tinha sido nomeado por Juscelino e que eles desconfiavam que votava em uma linha partidária. Os militares tinham uma gana terrível, mesmo aumentando o número (*de ministros do STF*) em mais cinco. O Ferdinando de Carvalho (*coronel do Exército, responsável pelo inquérito aberto após o golpe para investigar os comunistas*) foi a Brasília numa tentativa de ouvir o Hermes Lima. O Hermes Lima comunicou ao Supremo e o Supremo disse que não, que ele não tinha de comparecer coisa nenhuma. E o Ferdinando teve de conformar-se. (...) A Suprema Corte e o STF são órgãos políticos. Nos Estados Unidos, nenhum deles segue a sua corrente partidária.”

RENÚNCIA. “O Aduatto (*Lúcio Cardoso, ministro do STF*) não foi retirado, o Aduatto renunciou, votando contra o governo. Foi (*voto*) vencido, mas naquele temperamento dele ficou com tanta indignação, que se levantou, dobrou — não jogou na mesa, como dizem, não — (*inaudível*) e colocou no lugar dele e disse: ‘Vou pedir a minha aposentadoria. Mandarei para Vossa Excelência o meu pedido de aposentadoria’. Transformei imediatamente a sessão em sessão secreta. Eu era o presidente, e o abacaxi começou logo comigo.”

AI-2. “Fui nomeado para o Supremo exatamente nas vagas criadas pelo Ato-2. Nesse pa-

pel que lhes dei, eu conto como foi que o Castelo Branco me convidou para almoçar. (...) É claro que eu conhecia pelo (*Pedro*) Aleixo as várias ofertas que o Raul mandou, que o (*Nehemias*) Gueiros mandou, uma porção de juristas me mandou sugestões para um governo meio fascista. O Aleixo tinha uma pilha enorme de sugestões. No dia 10 de outubro, mais ou menos, houve a eleição para os Estados (*foram derrotados os candidatos do governo na Guanabara e em Minas*).”

“Então, os oficiais que se exacerbaram mais, que prenderam mais, que ameaçaram mais desde março de 64 até a eleição de 65, eu tenho a impressão — porque, só foram dois governadores derrotados — de que eles tinham medo de uma reviravolta. (...) Eles estavam a todo preço querendo garantir a revolução e, naturalmente, os que estavam em posição de vantagem, num cargo qualquer, queriam conservá-lo. (...) E essa força para cá, essa força para lá, houve um dia em que quiseram fazer uma bagunça na Vila Militar e parece que só se evitou porque o Costa e Silva foi lá e foi inteiramente leal ao Castelo, botando a turma em ordem. Nesse tempo, o Costa e Silva ainda não estava com esclerose, que começou quando ele foi eleito presidente. O resultado é que o Costa e Silva passou a ser uma potência.”

“O Castelo Branco, quando conversava abertamente comigo, era na hora do almoço. Em 1965, às vésperas do AI-2, ele me disse: ‘Eu tenho horror não é de deixar isso, mas é que amanhã o general X dá um golpe; daí, a um mês ou dois, o general Y derruba; passados três meses o general Z derruba’. (...) Ele transigiu em fazer o Ato número 2 como um ‘mal, o menor’. (...) O problema era evitar a guerra civil.” ●